

MANFREDO DE SOUZANETTO

Realizar esta mostra de um recorte histórico da produção de Manofredo de Souzanetto não é um gesto isolado na programação do Instituto Tomie Ohtake. Desde nossa fundação, em 2001, aprendemos com a história de Tomie Ohtake a importância de reconhecer trajetórias que ampliam o escopo da arte brasileira por carregarem legados culturais e territoriais complexos, e por oferecerem contribuições originais a um fluxo cultural que resiste a classificações e periodizações estanques.

Manfredo é um artista que desafia toda sorte de categoria. Produz desenhos que são pinturas, fotografias que são intervenções no ambiente, pinturas que são esculturas. Faz arte abstrata impregnada de paisagem, enquanto pensa a natureza e a ação humana como vetores que se transformam mutuamente. Fala de tempo e ecologia ao pensar a arte, e pensa em arte quando percorre um território.

Por isso mesmo, apesar de ter provocado reflexões de valiosos pensadores, como Carlos Drummond de Andrade, Roberto Pontual, Frederico Moraes, Agnaldo Farias e Paulo Herkenhoff, Manofredo ainda não foi devidamente incorporado à historiografia da arte brasileira, esse projeto tão lacunar e vacilante. Esta exposição, sozinha, não redime essa falta, mas contribuirá para que múltiplos públicos adentrem sua obra pelo que ela tem de mais inquietante: a relação aberta e viva de um artista vindo do interior do país com sua terra e seu território.

Obras produzidas entre 1973 e 1991 foram reunidas por Paulo Miyada, nosso diretor artístico. Advindas sobretudo do acervo do próprio artista – que as guardou intuindo que havia nelas algo de definidor de seu caminho e de suas inflexões –, são evidências do processo



de amadurecimento de Manofredo enquanto abordava seus questionamentos por múltiplos ângulos e suportes. Trazidas ao presente, essas obras demonstram vitalidade renovada e nos oferecem um cativante repertório para pensar em como desassociar nossa relação com o entorno das premissas de exploração, extração e destruição – tema para o qual estamos, coletivamente, mais do que atrasados.

Agradecemos ao Ministério da Cultura, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), pela viabilização desta exposição. Esta oportunidade de visitar e celebrar a obra de Manofredo de Souzanetto só se fez possível graças à confiança e parceria do artista e, também, pelo generoso suporte prontamente oferecido pela galeria Simões de Assis. Agradecemos esse apoio e aproveitamos a ocasião para renovar nosso compromisso com a ampliação da história da arte brasileira, em uma perspectiva comprometida com a escala e a complexidade do país.

Instituto Tomie Ohtake

AS MONTANHAS

AS MONTANHAS, MUITAS E NENHUMA

Olhe bem, olhe sempre, continue a olhar as montanhas.
Carlos Drummond de Andrade, 1975

Memória atávica é aquela que advém de tempos ancestrais, que nos permeia desde antes de nossas lembranças diretas daquilo que experimentamos. Por transbordarem o campo da experiência imediata, seus veículos mais eficientes não são discursivos, mas sinestésicos – como a comida, a musicalidade, a oralidade e a paisagem. A imbricação da paisagem com o atavismo é poderosa, e pode assumir feições tão cativantes quanto melancólicas.

O atavismo da paisagem de Minas Gerais permeia a trajetória inteira do artista Manfredo de SouzaNetto, nascido e criado no norte do Vale do Jequitinhonha, em 1947. Com pouca exposição às novas mídias que se espalhavam pelos territórios urbanos do país na década de 1960 e em contato com a produção ceramista profícua da região de fazendas onde vivia, o jovem Manfredo desinteressou-se pelo labor agrícola e perseguiu algo que não sabia nomear ao se mudar para Belo Horizonte, de onde depois partiria para Paris, de lá para Juiz de Fora, e dali para o Rio de Janeiro – onde vive ainda hoje. Esse deslocamento sucessivo entre paisagens não o alienou da lembrança da terra. Ao contrário: intensificou um sentido profundo e único, no qual a paisagem mineira transpira em cada momento de sua trajetória artística.

Por outro lado, existe melancolia no fato de que, no território de Minas Gerais, toda montanha parece fadada a um dia tornar-se apenas isto: memória atávica, lembrança em eclipse de um acidente geográfico tornado oco ou integralmente desmontado pela atuação extrativista anunciada no próprio nome do território. Foi o reconhecimento da comoção perante essa perda latente o que motivou Carlos Drummond de Andrade, então já consagrado poeta, a escrever uma crônica e um poema sobre a produção do jovem Manfredo, em meados da década de 1970.

Naquela época, Manfredo havia produzido e distribuído um adesivo com os dizeres “Olhe bem as montanhas”. Hoje, a organização de um recorte histórico de sua obra – que se estende por quase seis décadas – propõe que se acolha esse apelo por duas vias: de um lado para alinharmos nosso olhar com os de Manfredo e Drummond na mirada da paisagem, ameaçada por um modelo único de progresso; e, por outro, para que olhe-mos as obras do próprio Manfredo como quem olha as paisagens. Para esse exercício, reunimos três generosos grupos de obras, cada um centrado em um aspecto e momento de seu fazer artístico.

Logo de início, o que se antevê em *Manfredo de SouzaNetto – As montanhas* é um conjunto de pinturas sobre papel que remetem às primeiras exposições do artista em Belo Horizonte, no começo da década de 1970. São secções de cadeias de montanhas refeitas como grafismos sintéticos e coloridos que se assemelham a cortes anatômicos de organismos vivos, cercados por registros fotográficos de delicadas intervenções efêmeras em territórios naturais: a floresta de Fontainebleau, próxima a Paris, na França, e uma mina de caulim, próxima a Juiz de Fora, em Minas Gerais. Em comum, essas obras testemunham a capacidade de Manfredo de se maravilhar com a implicação de múltiplas temporalidades (geológica, sazonal, antrópica) na formação (ou desmanche) da paisagem.

Uma seleção inédita de obras produzidas por Manfredo enquanto vivia em Paris, na segunda metade da década de 1970, compõe outro conjunto. São desenhos e pinturas que atestam seu compromisso com a condensação da forma. Os desenhos tendem ao monocromo, com composições concentradas em requadros retangulares preenchidos por aquarelados atmosféricos e finíssimas incisões de linhas que, muito sutilmente, remetem ao contorno topográfico de acidentes geográficos. As pinturas, por sua vez, recorrem à aplicação de áreas de cor pelo verso do tecido cru, fazendo aparecer (por transpiração) manchas suspensas de contornos incertos – ao mesmo tempo, pintura em latência e paisagem como reminiscência.

No terceiro conjunto, uma seleção de “forquilhas”, pinturas que prescindem do requadro como emulação da janela na concepção do espaço pictórico. A forma dessas obras remete a um elemento que a humanidade encontra na natureza pronto para ser usado como ponto de apoio desde muito antes do advento da escrita e da história. Esses *quadros-aparatos* carregam as cores de pigmentos retirados das terras mineiras como se, de fato, tivessem espessura e peso. Também nesse conjunto reúnem-se algumas das primeiras obras em que Manfredo explorou o quadro como soma de peças triangulares, cada uma tomada por uma quase argamassa feita de pigmento mineral e cola, aplicada sem encostar na aresta da forma. A mostra se encerra com um grupo de obras de escala e proporção similares às de uma porta. São *objetos-portais* em que, outra vez, o artista provoca tensões entre a materialidade das cores e a conformação do requadro da pintura.

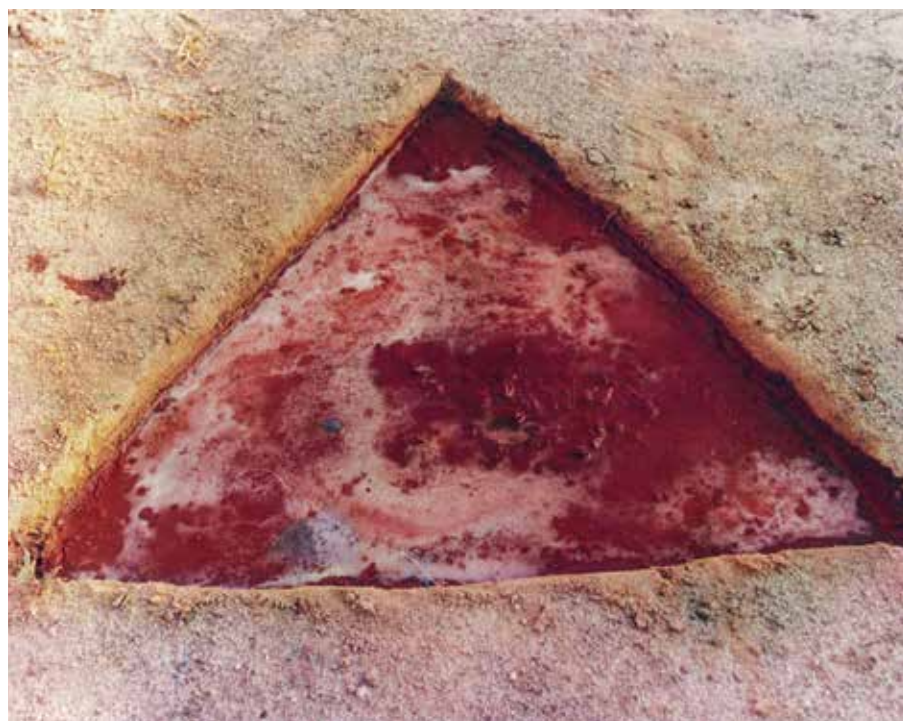
A matéria não quer ficar contida em formas definidas e estáveis. Isso só acontece de modo transitório, devido a processos que tomam seu tempo para se conformarem e para se desfazerem. E tais processos se sobrepõem em diferentes dinâmicas e temporalidades. Assim é na arte, como na paisagem.

As montanhas, aqui, são muitas e nenhuma. Elas são memória atávica e pensamento junto da paisagem, articuladas de modo visual, material, cromático. Elas, as montanhas, são parte do que constitui este mundo, essas obras e esse artista. Sua inestimável noção de duração depende de que elas continuem fazendo parte do presente e do futuro, sem ficarem enclausuradas em um passado já encerrado.



Manfredo de SouzaNetto. 15.1991. 1991. Pigmentos naturais com resina acrílica e madeira. 120 x 248 cm. Coleção do artista.

Paulo Miyada
Curador



Manfredo de Souza Netto. *Na mina de caulim*. 1980. Fotografia. 144 x 232 cm. Coleção do artista.



Manfredo de SouzaNetto. Série *Olhe bem as montanhas*. 1973-1974. Ecoline, aquarela, lápis de cor e nanquim sobre papel colado em cartão. 62 x 88 cm. Coleção do artista. Foto: EstúdioEmObra.



Manfredo de SouzaNetto. *Sem título*. 1977. Aquarela, nanquim e pastel sobre papel. 56 x 76 cm. Coleção do artista. Foto: EstúdioEmObra.

MANFREDO DE SOUZANETTO - AS MONTANHAS	
Realização Instituto Tomie Ohtake	Montagem Luis Alberto Alves dos Santos Mario Lucas Oliveira Gomes Wanderley Santos da Silva
Apoio Simões de Assis	
Curadoria Paulo Miyada	Iluminação Âmbar Locação e Serviços de Iluminação
Produção e Coordenação de Montagem André Luiz Bella Carolina Pasinato Maria Fernanda Rosalem Pedro Lemme Rodolfo Borbel Tamara da Silva Pereira Victor Constantino	Seguro Howden Brasil Consultoria e Corretora de Seguros Ltda.
Projeto Expográfico Ligia Zilbersztejn	Agradecimentos Julia Lima Luciano Rosa Ribeiro
Design Gráfico Paula Lobato Tie Ito Vitor Cesar	JORNAL Coordenação Instituto Tomie Ohtake
Revisão Divina Prado Isabela Maia	Projeto Gráfico Felipe Carnevalli Paula Lobato Tie Ito Vitor Cesar
Tradução Isabela Maia	Textos Paulo Miyada
Pintura WCA Pinturas e Decorações	Revisão Divina Prado Isabela Maia
Transporte Simões de Assis	Impressão Ipsis
ISBN 978-65-89342-53-3	
O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br	